

ENSINO REMOTO DE EMERGÊNCIA E EAD MEDIADOS POR TDICs TRANSFORMANDO OS PROCESSOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Murillo Azevedo¹

Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - Campus
Farroupilha

Flávia Wosniak²

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Resumo: A suspensão das atividades pedagógicas presenciais por todo o mundo transformou a forma de estudar e trabalhar no ano de 2020, não só criou problemas novos como também trouxe à tona velhas discussões sobre a EaD e a relação das pessoas com TDICs sobretudo em ambientes educativos e laborais. Neste texto vamos listar algumas confusões que os professores debutantes nesta modalidade de ensino cometem nas aulas mediadas por TDICs, para evitar que se eternizem e aprender com a experiência de trabalhos teóricos anteriores para usufruir da melhor maneira das ferramentas.

Palavras-chave: Ensino remoto, EaD, TDCIs

1 INTRODUÇÃO

Este ensaio é um recorte de um capítulo de livro, “Saberes Sociais: investigações e inquietações emergentes na contemporaneidade” (DA SILVEIRA, 2020). Para ele, trazemos as impressões dos pesquisadores acerca da mediação educacional por TICs em durante e após a pandemia . A suspensão das atividades pedagógicas presenciais por todo o mundo transformou a forma de estudar e trabalhar no ano de 2020, exigiu que estudantes e professores migrassem para a realidade online, longe das salas de aulas, bibliotecas e laboratórios convencionais, forçados a aprender a aprender e a aprender a ensinar de forma totalmente digital. As Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) estão sendo usadas na transposição de práticas de ensino típicas dos territórios presenciais para atividades educacionais remotas no formato digital. A emergencia de encontrar alguma alternativa exequível apressou a implantação de algumas metodologias educacionais não tradicionais sem o devido tempo de maturação e adaptação, tanto de alunos quanto de professores, que muitas vezes acabam reduzindo as ferramentas a uso meramente instrumental, minando as possibilidades, limitando as metodologias e práticas a um ensino

¹ murillo.azevedo@farroupilha.ifrs.edu.br

² fwosniak@yahoo.com.br

meramente transmissivo naquilo que tem sido designado por ensino remoto de emergência (MOREIRA, J. 2020). A pandemia não só criou problemas novos como também trouxe à tona velhas discussões sobre a EaD e a relação das pessoas com TDICs sobretudo em ambientes educativos e laborais.

Neste texto vamos listar algumas confusões que os professores debutantes nesta modalidade de ensino cometem nas aulas mediadas por TDICs, para evitar que se eternizem e aprender com a experiência de trabalhos teóricos anteriores para usufruir da melhor maneira das ferramentas. É necessário confortar os educadores mais ansiosos quanto a situação das pessoas que ficaram à margem dos fenômenos das redes digitais e pedir paciência, já que nem todos estão preparados para esta modalidade de ensino.

2 CONFUSÕES NA MEDIAÇÃO POR TICs

Desde já é muito importante perceber que existem semelhanças e diferenças conceituais fundamentais no domínio da Educação mediada pelas TDICs, como Ensino Remoto, Ensino a Distância, Educação a Distância, Ensino Híbrido, dentre outros, para que não sejam usadas indiscriminadamente sem o devido rigor conceitual que exigem. Depois de ignorar as definições, a primeira falta, talvez a mais grave, está justamente na concepção da utilização da tecnologia nas atividades remotas e na EaD. No texto, *Aprendizagem significativa crítica* (MOREIRA; M. 2000) o autor usa o conceito de 'idolatria tecnológica' para explicar o fetiche de algumas pessoas com os novas técnicas. “A tecnologia é boa para o homem e está necessariamente associada ao progresso e à qualidade de vida”, em outras palavras, quanto mais tecnologia, melhor. É verdade que a inserção de alunos e professores no mundo das tecnologias conectadas é um caminho importante para prepará-los para o mundo atual, para uma sociedade complexa, mas exige domínio das linguagens e dos recursos digitais. (MORAN, 2013).

Outra evidência do despreparo de algumas instituições de educação para trabalhar com as atividades remotas e EaD é insuficiência de capacitação da maior parte dos educadores que estão experimentando pela primeira vez essa modalidade de ensino. Isso fica claro na recorrente crítica reproduzida pelos estudantes: são oferecidos muitos textos em arquivos no formato .pdf para que os alunos tenham facilidade de ler, no entanto as tarefas são enviadas sem introdução, contextualização ou objetivos. Sem esses detalhes a ferramenta perde o propósito e atrapalha o entendimento do assunto. Alguns professores experientes em sala de aula usaram os mesmos materiais de apoio ano após ano em suas aulas presenciais. São textos, resumos, mapas, tabelas, gráficos, esquemas, dentre outros, que foram oferecidos aos alunos para que fossem explorados cuidadosamente, uma parte de cada vez, com o devido tempo e dedicação que a aprendizagem exige, ou ainda em atividades excepcionais, dentro de um contexto específico como é o caso das aulas de laboratório, utilizando de canais de comunicação instantânea ao vivo. Esses materiais podem funcionar bem nas aulas convencionais, mas o que faz pensar que um recorte de material didático que é explorado em uma sala de aula presencial com interferência de vários atores é apropriado para ser usado nas

atividades remotas e na EaD? Não significa que estes materiais devam ser abandonados, mesmo porque não estamos passando por uma reformulação de currículo, mas que devem passar por uma avaliação de compatibilidade com a metodologia adequada para o ensino remoto e EaD. Há casos ainda mais graves quando o professor usa o e-mail como estante virtual. Os Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVAs) não devem ser usados como mero repositório de arquivos, (como nuvem) isso empobrece a ferramenta e desestimula a utilização por parte dos alunos.

As escolas mais modernas e atualizadas aprenderam que o ambiente de ensino tem grande influência na formação dos estudantes, e buscam arquiteturas que contribuam positivamente nos processos de aprendizagem do corpo discente. A partir de uma concepção mais centrada no aluno, as salas de aula podem ser mais multifuncionais (laboratórios de informática e oficinas de produção) e não precisam ser confinados a espaços delimitados, podem ser diversificadas com aulas de campo e visitas técnicas. Para Moran é preciso remodelar esses espaços tão rígidos para espaços mais abertos, onde lazer e estudo estejam mais integrados e as mídias e as novas tecnologias têm papel fundamental nessa transição. Da mesma forma nas atividades remotas e na Educação a distância os ambientes educacionais não precisam ser necessariamente formais, rígidos ou cópias dos ambientes digitais do mundo do trabalho. É possível oferecer atividades lúdicas, que se parecem com jogos de fases, conquistas de pontos e superação de desafios. Os AVAs podem possuir layouts modernos e/ou futurísticos com pouco texto, muitas imagens, animações, vídeos, botões de atalhos e hipertextos (tomando cuidado com a poluição visual), isto torna o espaço mais acolhedor e familiar. A geração Z aprendeu desde muito cedo a estudar sem os livros, optam pelos aplicativos ao quadro negro, pois os primeiros parecem mais com os games, apreciam mais os experimentos do que os textos, porque são mais interativos e dinâmicos, e preferem vídeo-aulas às explicações orais que não têm pause nem replay. A ótica, o “ver”, é uma das formas privilegiadas de metaforização do conhecimento. O jovem lê o que pode visualizar, a explicação não lhe basta, precisa ver para entender, toda a sua fala é mais sensorio-visual do que racional e abstrata, a geração Z compreende o que assiste, o nativo digital lê, vendo (MORAN, 1995).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Destaca-se que, as dificuldades técnicas que são intrínsecas ao uso das tecnologias podem justificar a ausência de alguns atores envolvidos nesta transformação por qual passam os processos de ensino e aprendizagem mas não justificam descartar metodologias de ensino mediadas pelas TDICs nos processos educacionais. As dificuldades que vão aparecer, serão superadas à medida em que a sociedade estiver mais preparada para receber as novas tecnologias, tanto em termos de infraestrutura quanto em termos de apropriação das ferramentas. Mas esse processo não é natural nem rápido e infelizmente não há como contornar facilmente o problema da falta de capacitação dos profissionais da educação e da desigualdade social que separa os menos afortunados das atividades remotas e EaD.

Os alunos das atividades remotas EaD precisam ter autonomia suficiente para contornar problemas técnicos básicos e ser crítico para mensurar a evolução do seu conhecimento. A EaD é apropriada para alunos que querem complementar sua formação inicial mas não é a opção mais adequada para crianças na fase de alfabetização. As atividades de ensino remoto e EaD devem ser desenvolvidas com cautela, em situações extraordinárias como a vivida no ano de 2020, e não deve ser usada como "tapa buraco" pois não foram concebidas para substituir as aulas presenciais. É importante tomar muito cuidado pois quando usadas excessivamente ou de forma equivocada pode segregar ainda mais os alunos menos empoderados do conhecimento tão desejado.

As atividades pela internet devem ser ricas em detalhes, explicitando quais as metas a serem alcançadas e os objetivos da atividade. Nos textos o professor pode apontar qual passagem quer que o aluno leia com maior atenção, em que contexto ele é relevante, o que não deve passar despercebido, etc. Os AVAs foram concebidos originalmente para complementar as atividades presenciais ou em algumas vezes substituí-las. As atividades que desfrutam destas plataformas devem ser conduzidas com cautela, responsabilidade e diligência ainda maiores do que nas aulas presenciais. Como são, por exemplo, as Atividades Pedagógicas Não Presenciais (APNPs), estas correspondem a processos de ensino e aprendizagem desenvolvidos para além dos tempos e espaços da sala de aula, mediados por tecnologias digitais de informação e comunicação, desenvolvidas numa relação dialógica entre docentes e estudantes, considerando o distanciamento social em função da Covid-19 (IFRS, 2020). É possível tornar as atividades mais atraentes gamificando as metas para que se pareçam com os jogos que os alunos já estão familiarizados. Ao avançar nas atividades é interessante que o aluno acumule pontos (isso não tem a ver com a nota), evolua dentro da plataforma e desbloqueie níveis (fases) de aprofundamento nos assuntos. Isso exige experiência dos professores nas atividades remotas e EaD para saber qual estratégia é mais apropriada para cada turma, conhecimento avançado dos AVAs para oferecer uma atividade que seja significativa para o aluno, destreza na manipulação dos dispositivos e consciência de que nem todos estão preparados para esta modalidade de ensino.

4 REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, M. WOSNIAK, F. Ensino remoto de emergência e EaD: transformando os processos de ensino e aprendizagem por TICs durante o afastamento social. *In: DA SILVEIRA, Dieison Prestes et al. Saberes Sociais* Curitiba: Ilustração, 2020. p 185-198.
- IFRS. Orientações sobre as Atividades Pedagógicas Não Presenciais. Bento Gonçalves, p.30, 2020.
- MORAN, J. M. O vídeo na sala de aula. *Comunicação & Educação*, n. 2, p. 27-35, 1995.
- MORAN, J. M. Integrar as tecnologias de forma inovadora. *Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica*. 21a ed, p.36-46. 2013.
- MOREIRA, M. A. Aprendizagem significativa crítica (critical meaningful learning). *Teoria da Aprendizagem Significativa*, p. 47, 2000.